



UNICAMP

P16.53

**EVENTO:** 2º Festival Internacional de  
Mulheres Compositoras

**VEÍCULO:** CORREIO POPULAR

**DATA:** 08 nov 95

**PÁGINA:** C-6

**SEÇÃO:** CADERNO C



# Compositoras brasileiras tentam vencer a indiferença do grande público

DALEN JACOMINO

Os compositores de música erudita contemporânea estão sempre em batalha para vencer a indiferença do grande público. As compositoras enfrentam ainda o preconceito de serem mulheres. Na tentativa de reunir autoras brasileiras e estrangeiras para um intercâmbio, a pianista Maria Helena Rosas Fernandes organizou, no Rio de Janeiro, em 1993, o 1º Festival Internacional de Mulheres Compositoras. O movimento começou modestamente e avança agora para sua 2ª edição, que acontece entre os dias 21 e 26 de novembro, no Sesc Ipiranga, em São Paulo.

“A única saída para as compositoras superarem a falta de incentivo a organização através de associações”, explica Maria Helena Rosas Fernandes. A pianista, apesar de ter começado a escrever música tarde, diz que sempre enfrentou dificuldades na divulgação de suas obras. “Você manda as partituras para as orquestras e, a maioria, nem se interessa. Deveria ser obrigatória a apresentação de pelo menos uma obra brasileira em cada concerto”, afirma Maria Helena.

As compositoras Lina Pires de Campos, de São Paulo, e Marisa Resende, do Rio de Janeiro, passaram pelas mesmas experiências. Lina é também professora de piano. Ela foi aluna de composição de Camargo Guarnieri e tem no mercado um disco composto somente por suas peças intitulado *25 Anos de Composição - Obras de Lina Pires de Campos*. “Acho que atualmente sou uma exceção porque tenho vários projetos em andamento. Mas na maioria dos casos, a categoria das compositoras é desprezada”, explica Lina.

Além da baixa receptividade do grande público e da dificuldade em encontrar intérpretes para as obras, as compositoras, até poucos anos atrás, mantinham suas peças guardadas, sendo apenas mostradas a seus alunos. “A circulação das obras ficava entre quatro paredes, apenas sendo aplicadas para fins didáticos”, afirma a professora de composição Marisa Resende. Ela participa do 2º Festival Internacional de Mulheres Compositoras, com a peça *Reconhecimento*.

Marisa tem 20 anos de carreira e atualmente é professora titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro. “Fora do Brasil as compositoras têm maior consciência de classe”, afirma.

Maria Helena cita como exemplo organização da categoria, o festival promovido pelo Kultur Institut Komponistinnen, em Heidelberg, Alemanha. Em 1992, o festival foi dedicado às mulheres de toda a América Latina, que compõem música erudita contemporânea.

“Retorno financeiro, não há. Se a compositora tiver que se sustentar tem que desenvolver projetos em escolas de música ou em universidades”, explica Maria Helena, que atualmente mora em Campinas. A pianista está organizando o 2º Festival Internacional de Compositoras em parceria com a Universidade Livre de Música Tom Jobim, de São Paulo, e o Sesc.

**2º Festival Internacional de Compositoras** - De 21 a 26 de novembro, no Sesc Ipiranga, em São Paulo. Rua Bom Pastor, 822. As palestras e as audições da manhã e da tarde são gratuitas. Os ingressos para os concertos à noite custam R\$ 5,00 (inteira) e R\$ 2,50 (estudantes). Telefone para informações (011) 273-1633.



A pianista Maria Helena Rosas Fernandes, uma das idealizadoras do 1º Festival Internacional de Mulheres Compositoras, que aconteceu no Rio de Janeiro em 1993

“A única saída para as compositoras superarem a falta de incentivo é a organização através de associações”

Maria Helena Rosas Fernandes

## Mulher de Schumann escondia talento

A história de Clara Wieck, mulher do pianista alemão Robert Schumann, é sempre citada pelas compositoras contemporâneas como exemplo de submissão da mulher ao universo masculino. Clara, quando se casou, em 1840, era mais conhecida que seu marido. Suas apresentações eram sempre elogiadas e suas composições eram freqüentemente publicadas. Ela realizava concertos em Paris, em Berlim e em Viena. Schumann era, então, um desconhecido editor de um jornal de música em Leipzig, Alemanha. No entanto, após sua morte, em 1856, Schumann passou a ser retratado, em suas biografias, como um grande músico alemão. E Clara ficou no esquecimento.

A preocupação da compositora em divulgar o trabalho de seu mari-

do é conhecida, mas poucos sabem que Clara também se dedicava a atividades musicais. A relação de trabalho entre o casal começou cedo. Clara tinha 11 anos quando encontrou Schumann pela primeira vez. Ele era aluno de seu pai, Frierich Wieck. E depois de um ano de convivência, Clara tornou-se a principal intérprete das peças de Schumann. Durante esse período, a pianista conquistou o sucesso enquanto ele era considerado um compositor comum.

Clara era assumidamente a inspiração de Schumann e os resultados dessa influência na obra do compositor tomaram diferentes formas e ritmos. Em 1839, Schumann escreveu uma carta para Heinrich Dorn, regente da Ópera de Leipzig, confessando que a batalha para conseguir pedir Clara em casamento ao seu pai

interferiu diretamente na produção das sonatas *Davidbündlertanze*, *Kreisleriana* e *Novelletten*.

Por outro lado, relatos históricos revelam a interferência de Schumann nas músicas compostas por Clara. O *Opus 1*, de *Quatro Poloneses para Piano*, publicada em 1831, foi o primeiro trabalho realizado pela compositora. Preocupada com a opinião de Schumann, Clara preparou cópias da obra para lhe enviar.

O final desta história não agrada muito às compositoras de música erudita de hoje. Elas criticam a postura machista que predominou nos relatos e biografias do casal. “Schumann ocupou o sucesso de Clara e a arte da esposa foi completamente ofuscada”, afirma a compositora e pianista Maria Helena Rosas Fernandes.